



Universidade: presente!



XXXI SIC

21. 25 . OUTUBRO . CAMPUS DO VALE

A intencionalidade de séries causais infinitas é vazia e vã?

Henrique Cassol Leal / CNPq henrique_cassol@hotmail.com
Filosofia - Ufrgs Orientador: Alfredo Storck

Tomás de Aquino (1225-1274) utiliza a noção de séries causais em vários pontos de sua obra: ao comentar a *Ética Nicomaqueia*, ao argumentar pela existência de Deus e também ao argumentar pela existência de um fim último da vida humana.

Um recurso comum ao utilizar essa noção é basear-se em um **reductium ad absurdum** de Aristóteles: não podemos ter uma série causal infinita quanto ao desejo, pois em caso contrário ele seria vazio e vão. O que se quer dizer com isso? O objetivo deste trabalho é esclarecer esse recurso que vem de Aristóteles a partir da distinção de Tomás entre dois tipos de séries causais.

Séries causais acidentais:

São aquelas em que um elemento que causa outro pode deixar de existir e, mesmo assim, a conexão causal persiste. Por exemplo, a existência simultânea do bisavô e do bisneto não é exigida para que se possa falar em relação de descendência. A morte do bisavô pode ter ocorrido antes do nascimento do bisneto e ainda assim pode-se dizer que a descendência é um tipo de relação causal.

Séries causais essenciais:

São aquelas em que cada elemento da série só pode existir juntamente com todos os outros membros da série e ao mesmo tempo em que um causa o outro. Nesse tipo de série, o efeito é simultâneo às suas causas. Por exemplo, as engrenagens de um relógio são todas necessárias para o funcionamento correto dele e caso qualquer uma deixe de exercer sua função ou de existir, o efeito – o funcionamento do relógio – deixará de ocorrer.

O argumento de Tomás pela defesa de um fim último da vida humana se pergunta se a vontade tem a estrutura de uma série causal acidental.

Afinal, parece um indício para isso que temos desejos de primeira ordem, segunda ordem e etc: podemos dizer que queremos, que queremos querer e etc.

A solução que resta é interpretar a vontade como tendo a estrutura de séries causais essenciais.

Pela ordem da intenção teríamos um objeto da vontade, já pela ordem da execução teríamos um primeiro princípio para iniciar a operação.

Logo, seres humanos teriam um fim último devido a ordem da intenção – não sendo o desejo vazio e vão.

Entretanto, se a vontade tiver essa estrutura, não teremos um objeto da vontade, o que é absurdo.

Isto é, se a vontade fosse assim, em última medida, ela não desejaria nada. É nesse sentido, que nossa vontade seria vazia (por não ter objeto) e vã (por ser uma atividade sem fim).

Isso ocorre porque há uma contradição entre os termos “infinito” e “completo” - ou “simultâneo”. Se os elementos de uma série causal são simultâneos, então eles precisam estar todos dados (completos). Entretanto, se uma série causal for infinita, seus elementos não podem ser todos dados. Isto é, sempre faltará elementos, tornando-a incompleta, visto que podemos sempre adicionar outro elemento à série- tal como pode ser feito com os objetos da razão.

